

CONFISSÕES DE UM PÚCARO BÚLGARO

Rebeca L. Fuks
rebecafuks@gmail.com

PREÂMBULO

Tenho uma vida bastante tediosa, ou melhor, tinha. Preso a um espaço – um cubo – de pouco mais de trinta centímetros quadrados, com um *spot* direcionado ao centro desse mesmo espaço, protegido por um espesso vidro temperado a prova de força e som, me habituei a assistir os que dirigem o olhar a mim. Interpreto as expressões porque, como disse há pouco, a vitrine que me blinda é a prova de ruídos, o que quer dizer que, na prática, não ouço nada, por isso desenvolvi minha capacidade de leitura labial. Em geral, não costumo receber muita atenção, fico em uma sala desprivilegiada, 304-B, ala direita. Enquanto os visitantes do Louvre fazem fila para conhecer pessoalmente a Monalisa, estou habituado a ser observado por uma duração que gira em torno de dois segundos e meio, tempo médio que cada visitante do Museu Histórico e Geográfico da Filadélfia deposita no exercício de observação sobre mim. Não posso dizer que me ofenda, tenho plena ciência de que não fui concebido como uma estátua ou uma tela e sei que nos museus os visitantes em geral despendem demasiado tempo em obras de arte, negligenciando meros objetos cotidianos, que só foram parar nas prateleiras como modo de provar a existência de sociedades remotas. Às vezes penso que sou isso: uma espécie de retrato ou de fotografia, um pedaço de barro que sobreviveu aos séculos só para garantir aos contemporâneos que a dinastia Lovtschajik, de fato, existiu. Tanto existiu que fui utilizado diversas vezes: testemunhei banquetes fartíssimos, orgias memoráveis, debates políticos e cerimônias de consagração. Fui bastante fiel ao lar que habitei no século XIII a.C. (acho curioso ter que especificar a sigla antes de Cristo, não me lembro de Cristo ter existido no tempo em que estive, não ocupamos a mesma região geográfica, por que preciso me referir a ele para inferir a minha idade?). Sobrevivi às mãos de criados insolentes e raivosos, beijei os lábios de belas senhoras após noites voluptuosas repletas de luxúria. Esse sim era um tempo em que acontecia muita coisa. Nunca parei dentro de um armário, fui permanentemente requisitado e, confesso, gostava daquela vida movimentada. Perdoem o entusiasmo, voltando a minha genealogia, não sei se me apresentei de maneira adequada, tenho a impressão de ter esquecido de mencionar a minha nacionalidade: sou natural da Bulgária, país pouquíssimo conhecido, relegado a um pequeno território sem grande protagonismo na Europa – não temos uma economia ímpar, não parimos escritores célebres, não temos paisagens fora do normal, não nos destacamos, sejamos francos, de nossa vizinhança. Não me ressinto de ser sincero, mas a verdade é que a Bulgária jamais interessou ao resto do mundo. Falamos búlgaro, um sinal de que também não temos a menor pretensão de sermos compreendidos além fronteira. Os búlgaros engatam conversa em búlgaro e é o suficiente, é o que importa, não fazemos muita questão de sermos entendidos por aqueles que não são como nós. Por instantes penso que tenho uma única função

no museu: garantir, apenas por uma questão diplomática, a existência de um país tão insignificante como esse. Sabe como é, a fim de não causar nenhum desconforto diplomático internacional, acharam por bem reservarem-me um breve espaço e garantir boas relações políticas. Graças a minha presença, a curadoria do museu pode argumentar uma inserção internacional, uma espécie de selo de qualidade – temos peças dos quatro cantos do mundo, até da Bulgária. O complemento "até da Bulgária" garante, sem dúvida, uma certa credibilidade: a equipe do Museu Histórico e Geográfico da Filadélfia, de fato, trabalhou, pensam os visitantes. Até na Bulgária foram recolher peças. (Outro detalhe bem menos relevante, mas que precisa ser ressaltado, é que custei muito pouco, pelas negociações que presenciei fui adquirido por uma bagatela, de modo que não foi preciso um grande investimento para me terem aqui enjaulado). Demorei tempos até conseguir ler o que havia na minha plaqueta de identificação. Há que se ter em conta que a leitura só era possível quando o visitante que me observava portava um colar ou um par de óculos ou uma lente de máquina fotográfica ou qualquer outra superfície que refletisse a escrita. Lembrando que a imagem refletida gera um texto sempre ao avesso e, como os visitantes passam rápido, registro aqui que foi uma tarefa hercúlea ter conseguido finalmente unir as pecinhas desse quebra cabeça para montar o cenário geral, ou melhor, a placa por inteiro. Na minha plaqueta de identificação, pois, lê-se o seguinte:

PÚCARO BÚLGARO – XIII a.C. – LOVTSCHAJIK

Dados que eu já sabia, mas foi bom conferir se as informações estavam sendo transmitidas corretamente aos visitantes. Também, se não estivessem, não sei o que poderia fazer, a comunicação está fora do meu alcance. Quanto ao meu formato, creio não ter mais do que doze centímetros de altura, não sei ao certo, há tempos a museóloga não visita o museu para catalogar as peças. Da última vez que estive em visita fui negligenciado, pelo visto eu não era um objeto dos mais relevantes. Se afirmo, portanto, que tenho aproximadamente doze centímetros, é uma estimativa feita por mim em comparação com os meus vizinhos ao lado – vasilhames, tigelas, garrafas – graças a eles imagino que tenha cerca de doze centímetros. Tudo na vida é uma questão de comparação, não é verdade? Pensei algum tempo sobre isso, não há muito o que se fazer por aqui, especialmente às segundas feiras, dia de museu fechado, e mensurar as formas dos meus vizinhos acabou se tornando um passatempo interessante. Sei que estou entre a garrafa grega e o prato romano (ah, esses sim devem ter muitas histórias para contar... Pena não partilharmos a mesma vitrine... Ouvi dizer, a boca miúda, comentários feitos por visitantes espinhudos aficionados por romances históricos, que os utensílios serviram em orgias fenomenais). Como vieram parar aqui não sei, há mil teorias possíveis, já pensei em torno de setecentas e quarenta e nove histórias distintas (o tédio é um grande amigo da criatividade). Fato é que lá estão meus vizinhos de sala e não posso perguntar nada, nadica de nada, neca de pitibiriba, o espaço me detém. Por vezes me pergunto se eles também têm consciência, pensam sobre si,

10.17771/PUCRio.escrita.26084

sobre os outros. Não recebem nem mais nem menos atenção do que eu, isso posso afirmar com segurança, estamos na mesma seção: objetos utilitários que se transformaram em peças de museu. Desse modo, o jarro prova a existência da sociedade celta, o pires sem xícara, solitário sem o seu par, remonta terras galegas, e assim por diante. É irônico pensar que não servimos para o que fomos concebidos, somos um resto de passado. E é conosco, ou melhor, através de nós, que os homens se dão conta de sua pequenez: são provisórios e passageiros, habitantes de um agora. Ao irem embora, deixarão apenas restos de coisas para trás. Já me ocorreu um dia que o passado é como um morto que se afogou no mar do tempo, mas deixou restos que se espalham na praia do presente. A partir deles, dos restos, restos de roupas – e se havia roupas era porque havia que as vestisse –, restos de louça, restos de papel,... os contemporâneos constroem um corpo provável dos que viveram naquela época. Para se alcançar o passado no presente é preciso que nós, os restos, os púcaros, os pires, os pratos, estejamos, para ocupar o lugar dos mortos. Quando me ocorre esse pensamento confesso que me sinto importante. Ajuda a me dar certa dignidade quando me deprimi por estar assim preso, isolado. (Certa vez, recebendo a rara visita do diretor da exposição, observei no bolso do paletó uma caneta, pensei se em duzentos anos a caneta, com sorte, também não estaria em uma vitrine como essa, registrada com uma plaqueta de identificação com o nome de um país e uma data ao invés de estar a assinar papéis. O diretor não ousou expor sua opinião sobre a minha digressão, também perdi a esperança que o fizesse, tantas vezes tentei me comunicar com quem quer que fosse e não consegui ir à diante. Funcionamos em dimensões diferentes, é triste, mas é verdade. Me bateu um espírito esotérico agora. Perdoem, de toda forma culpo o vidro, essa separação implacável.)

Relegado a mera paisagem, posso dizer que foi um marco em minha existência o verão de 1958, ocasião em que recebi a visita de um turista que, de fato, se interessou por mim. Nosso encontro foi tão memorável que resolvi registrá-lo por meio de um diário mental. Pensei que algum dia gostaria de contar essa história e não poderia me dar ao luxo de esquecer nenhum detalhe.

VERÃO DE 1958

Posso dizer que ao topar comigo ficou imediatamente hipnotizado. É essa palavra, perdoem o clichê, mas não encontro outra. O homem literalmente congelou. Passeava por entre os corredores sem pressa, o olhar vagando entre vitrines e, de quando em quando, observava o catálogo do museu. Vinha descompromissado, era possível inferir pela sua postura corporal. Não esperava pelo nosso encontro. Ao se deparar comigo pareceu intrigado. Abaixou os olhos, foi tomado por um mal estar como quem vê um fantasma e paralisou. Todo ele era surpresa. Notei pela respiração e pela cor da pele. Voltou-se para a plaqueta e releu a descrição novamente. Confesso que eu não sabia a priori o que lhe havia impressionado, minha idade ou origem. Nessa noite, depois de refletir longamente sobre o encontro, percebi que o motivo do espanto só podia ser a localização da

minha antiga residência – justifico, havia exemplares naquela sala muito mais antigos do que eu, portanto não faria sentido o visitante se chocar com a minha data de nascimento. Meu século, todavia, não representava igualmente nada de especial, até onde sei nenhum evento divisor de águas se passou em XIII a.C. (maldito Cristo me obrigando a essa repetição narcisista toda vez que quero falar de uma data). Um ano vulgar, diriam. Assim como vulgar poderia ser o adjetivo para me qualificar: não sou um púcaro com nenhuma característica muito extraordinária, não tenho ornamentos, não fui pintado, não pertenci a nenhum dono excepcional. Sou feito de barro, material ordinário. Fui útil, é tudo o que posso dizer. De resto seria florear demais uma história deveras sem graça. Por isso imaginei que o que deixou aquele senhor sem chão foi a minha nacionalidade. Sou búlgaro. Não há mais muitos outros púcaros búlgaros no mundo (exceto, é claro, os que exerceram ou exercem a sua função, por tempos idos ou ainda hoje, e que residem na própria Bulgária).

UM ANO E MEIO MAIS TARDE...

Tive grandes expectativas após o nosso encontro. Tomado por uma esperança sem fim, depois de tanto tempo alguém finalmente me enxergava. Pensei que o visitante estupefato romperia o vidro do museu e me levaria para casa, driblando seguranças enfurecidos para depois me acomodar no banco carona do carro e me levar, em fuga épica, para o conforto da sua casa. Havia outra possibilidade: a do amor platônico. O visitante não queria a minha posse, não queria que construíssemos uma história juntos, era uma relação meramente platônica. Viria ao museu no dia seguinte, tiraria fotos de todos os ângulos, imprimiria pôsteres e me penduraria nas paredes de sua sala de estar. A esposa, por certo, não compreenderia, ele contaria uma história da carochinha qualquer e ela por fim esqueceria o caso ponderando que, apesar das bizarrices, era um bom homem. De tempos em tempos meu admirador retornaria ao museu para checar a minha integridade física. Uma terceira possibilidade seria que as coisas continuassem exatamente iguais, embora Charles me visitasse com uma maior frequência (diária, talvez?). Inventei esse nome, Charles, achei que a careca iminente combinava com o som desse nome próprio. Charles então se identificaria como museólogo ou arqueólogo ou qualquer outro ólogo para que não despertasse suspeitas nos seguranças desconfiados com a presença constante e estática de um senhor calvo em frente a uma vitrine como outra qualquer do museu. E assim passaríamos os dias nos encarando, imaginando histórias um para o outro.

Mas não foi isso o que aconteceu. Charles ou Paul ou John ou qualquer outro nome que o leitor queira dar simplesmente desapareceu. Não tive notícias suas por longos um ano e meio após o nosso primeiro encontro.

O CHILIQUE DO DIRETOR DO MUSEU

Avistei uma equipe grande atabalhoada entrando porta adentro, com o diretor do museu à frente. Não sei ao certo se era diretor, assim me parecia porque era o único que vestia terno. Disse para a assistente – consegui decifrar através do crachá – o diálogo que se segue “Como pode esse senhor desconfiar do museu?” “É esta peça a que se refere?” “Esta?”. Bradava e apontava para mim. Dizia as palavras a mil rotações por minutos. Naquele instante tive a certeza que o alvoroço havia sido causado pelo visitante que apareceu há tempos atrás. Ela se resumia a responder “É sim senhor”. O diretor retrucava: “Pode acreditar que tenha escrito uma carta difamando a todos nós?”. “Não posso crer”, respondia, em tom formal. O diretor passou a carta para a assistente, todos os outros presentes na cena eram meros figurantes, não faziam nada, só engrossavam o bando e desconfiavam do que estava se passando. Era uma terça feira, o museu estava praticamente vazio. A assistente, após a leitura, esbugalhou os olhos, era, de fato, uma acusação grave. O diretor ordenou: “Tome nota, vamos responder a altura e agora”. E ditou as seguintes palavras:

“Prezado Senhor.

Respondendo a sua insólita e despropositada carta de 18 do corrente, venho informar que, após minuciosa diligência efetuada por pessoal altamente técnico e de reputação acima de qualquer suspeita, chegou-se à constatação de que na sala 304-B (ala direita) deste museu existe, sem a menor sombra de dúvida, um precioso exemplar de PÚCARO BÚLGARO, provavelmente do início do século XIII a.C. – sob a dinastia Lovtschajik.

Atenciosamente.”

Na minha condição de precioso púcaro búlgaro quis agradecer o elogio, gentileza da sua parte, senhor diretor, afinal de contas não é todo dia que escuto o adjetivo “precioso” antes da minha identificação. Desejei também confirmar as outras informações: sim, de acordo, de fato sou do século XIII a.C. e da dinastia Lovtschajik, mas ninguém me deu ouvidos. Ondas diferentes, já deveria estar acostumado.

MAIS DEZOITO MESES SE PASSARAM – VERÃO DE 1961

Dezoito meses se passaram, não sei exatamente qual a simpatia peculiar que o visitante tinha pelo número dezoito. Parece que só podia calcular com ele. Confesso que achei uma maneira um tanto esquisita de computar o tempo. De todas as combinações possíveis só o um seguido do oito servia? Seria promessa? Sabedoria cabalística? Fato é que passei mais dezoito meses sem notícias daquele senhor (Charles?). Quando retornou ao museu, tinha uma aparência deveras perturbada e bradava, sem aparente destinatário, embora esperasse que alguém o respondesse: “um púcaro búlgaro?” “Estou maluco?” “Posso aceitar um púcaro e posso conhecer um búlgaro, mas um púcaro búlgaro é demais para mim, não sou capaz de acreditar no que meus olhos veem”. Sabendo do alvoroço através dos

seguranças, o diretor desceu pessoalmente do seu escritório e, com raiva contida, afirmou categoricamente: "Seus olhos não mentem, muito menos o museu, este é um autêntico exemplar de púcaro búlgaro adquirido pelo setor de pesquisa. Temos muito orgulho da aquisição feita pelo renomado Museu Histórico e Geográfico da Filadélfia. Se o senhor não é capaz de lidar com a presença de um púcaro búlgaro no mesmo recinto, peço que se retire." Era a primeira vez que o diretor do museu se exaltava a ponto de exibir uma pele cor de pimentão. Charles, devidamente desconcertado, pediu as desculpas necessárias pelo inconveniente e perguntou, com o máximo de polidez que conseguiu exibir, se poderia consultar o setor de pesquisa. A vontade genuína do diretor parecia ser responder um categórico não e mandar o visitante a merda, mas o museu era público e esse direito não poderia ser negado a quem se interessasse pelo acervo exibido. O diretor chamou então a pesquisadora.

SOFIA, A PESQUISADORA

Cruzou o salão uma senhora de meia idade, coque alto, *tailleur* bege e educação aparentemente suíça. Apresentou-se como a chefe do setor de pesquisa do Museu Histórico e Geográfico da Filadélfia. Testemunhei tudo, o encontro se deu bem na minha frente. Com toda elegância e diplomacia, disse que o diretor não se preocupasse, as inquietações do senhor seriam todas esclarecidas. O diretor se retirou, ficaram só os dois, meu admirador e a pesquisadora. "Sofia, é esse seu nome?", questionou após ler o crachá com um ar de sabichão. "Coincidência, não?", respondeu a pesquisadora já adiantando que conhecia do que se tratava o assunto. "Deixe-lhe dizer que compreendo a sua angústia. Minha mãe me batizou com esse nome justamente em homenagem à capital da Bulgária, Sófia, embora aqui na América o nome tenha perdido o acento agudo. Sempre tive curiosidade de saber se esse lugar de fato existia". Charles caiu em encantos, finalmente alguém o compreendia. A mulher prosseguiu: "Pois existe, posso afirmar com toda a segurança que a Bulgária existe. Fui em uma comitiva oficial do museu retirar em mãos esse púcaro búlgaro que nos fita neste exato momento." Estava estupefato. Sofia continuou: "não sei se fiquei mais encantada com os púcaros que lá encontrei ou com a língua búlgara que, cá entre nós, me pareceu incompreensível. De tão intrigada com tudo o que vi e ouvi – é raro hoje em dia, depois de tantos anos de pesquisa, alguma coisa me tirar os pés do chão – resolvi retornar à Bulgária. Embarco em alguns dias, vou aproveitar as férias de verão, quando o museu estará repleto de visitantes e há pouco o que se fazer no meu setor". Com o intuito de encobrir o silêncio sepulcral que se fez, a pesquisadora logo emendou: "O que me intriga, do ponto de vista intelectual, é que não há nenhuma alusão à Bulgária ou a quaisquer Bulgárias, nem mesmo veladamente, na Bíblia ou em qualquer outra mitologia, como tampouco nos mistérios da cabala, da astronomia ou da astrologia, e muito menos ainda nos vaticínios do oráculo de Delfos, nos manuscritos do mar Morto ou nos mapa-múndi de Ptolomeu, Macrobius, Idrisi, Schoner, Mercator ou Ortelius. Nada também, que possa sequer lembrar a Bulgária ou os búlgaros, em Plutarco ou em Plínio, o Velho, nem Hesíodo ou em Heródoto, nem ainda em

Anaximandri ou em Tales de Mileto – para só citar os mais recentes. Eu mesma só pude acreditar na existência da mítica Bulgária não quando lá pus os pés, mas tão somente quando experimentei a concretude deste púcaro búlgaro, quando o toquei, senti seus contornos, a forma de seu corpo". Charles não sabia o que dizer, diante da sobriedade daquela mulher de vasta cultura, que havia passado pela mesma angústia que ele e agora, bem resolvida, embarcava rumo à Bulgária novamente. Sem ter algo interessante ou denso para avançar na conversa espontaneamente irrompeu com a seguinte pergunta: "Posso ir junto?".

EMBARCANDO PARA A BULGÁRIA

Deixo claro que todas as anotações mentais que se seguem foram fruto único e exclusivo da minha imaginação. Como a minha situação de enjaulado não me permite saber os meandros da história, fui completando as lacunas com floreamentos que ajudaram a preencher meus dias. Ser um púcaro búlgaro é muito chato, já ser praticamente padrinho ou pajem de uma relação que só começou por minha causa pode ser bastante interessante. A verdade é que não sei se ficaram juntos, creio que não, de todo modo certamente tinham algo em comum – a imensa curiosidade pela minha terra natal – e nenhum dos dois possuía aliança. O que não quer dizer muita coisa, casamentos modernos estão aí para provar que alianças são uma caretice sem fim, o que vejo aqui é uma enormidade de casais passeando de mãos dadas ou com crianças pequenas ao colo sem as canônicas alianças. Mas a ausência de alianças de toda forma também podia ser um sinal (nenhum dos dois tinha cara de ser muito moderno). Sofia, nitidamente desconcertada, disse que poderia checar se ainda havia passagem disponível, estava em cima da hora, eram férias de verão, a Bulgária estava sendo bastante procurada como destino turístico ultimamente. Desculpas que gaguejou sem perceber. Charles desconfiou um pouco da última afirmação. Como assim a Bulgária estava sendo bastante procurada como destino turístico ultimamente? De todo modo havia uma ponta de esperança: três anos após o fatídico encontro com o púcaro búlgaro, Charles tinha nas mãos, efetivamente, a primeira chance real de conhecer a Bulgária.

DIGRESSÕES À PARTE, VOLTANDO AO PLANEJAMENTO PARA O EMBARQUE

Charles tremia por dentro, era um frio que começava na boca do pâncreas (quer dizer, onde ele achava que deveria ser o seu pâncreas) e emanava para o corpo inteiro. Estava à espera, começava a hesitar se de fato estava vivendo tudo isso – e se estivesse, o que faria? Embarcaria?

Sofia voltou após uma eternidade. Tinha as mãos cheias: um panfleto de uma agência de viagem até então desconhecida, um suposto mapa da Bulgária, que media aproximadamente o tamanho de uma unha, uma breve lista de emergência escrita em uma língua estranha – o endereço do hotel, um

restaurante seguro, uma estação de ônibus. Havia também o roteiro da viagem, teriam que ir para o Brasil apanhar a balsa. O percurso, bastante elaborado, partiria de Niterói rumo às Canárias, depois ao Golfo Pérsico atingindo finalmente a Mesopotâmia, o mar Egeu, a Líbia, onde haveria pausa estratégica para almoço (cortesia da companhia de turismo devidamente incluída e camuflada em uma das quarenta e sete parcelas referente ao pagamento da viagem. Ainda assim as bebidas não estavam inclusas.). Partindo da Líbia pegariam a direção do mar de Barents, contornando a Groenlândia e chegando ao planalto tibetano. Concluída essa primeira parte da jornada, passariam pelo monte Erebus, a Tasmânia, a Trácia, a Alexandria, as ilhas Bermudas, o arquipélago Malaio, onde fariam uma parada estratégica para utilização de banheiros. Lá também havia uma lojinha para quem quisesse adquirir *souvenirs* da viagem. A última parte da viagem seria pelas ilhas Banquete, ilha Cipango (Japão), mar dos Sargaços, largo de Constantinopla, lago Tanganyika, Iugoslávia, Romênia, mar negro, Rio Jequitinhonha, Araraquara, Pindamonhangaba, Santa Rita de Passa Quatro até, por fim, após hercúlea jornada de sete dias e sete noites, alcançariam a tão desejada Bulgária.

Sofia não sabia se havia mais lugares disponíveis na embarcação, ela tinha conseguido com a agência a lista de passageiros e algumas breves descrições que tratou de anotar a lápis como uma forma de sanar a sua curiosidade pelos futuros companheiros de viagem. A lista continha os seguintes nomes:

1. Radamés Stepanovicinsky – professor de bulgarologia, natural de Quixeramobim, distrito famoso do Ceará, nordeste brasileiro.
2. Pernacchio, morador durante muitos anos de prédio vizinho a Torre de Pisa, vizinhança essa que lhe causou uma labirintite incurável. Tinha a esperança de ir para a Bulgária se tratar com os médicos búlgaros. Assim como Cuba é referência para a cura do vitiligo a Bulgária, espantem-se, é famosa por tratamentos infalíveis para quem sofre de labirinto.
3. Ivo que viu a uva, dono de vasta fortuna familiar garantida pelos *royalties* de seu tataravô, um sábio hindu que inventou o zero. Ivo que viu a uva era de sangue azul, portanto, nobre de berço e dono de uma conta bancária recheada. Já tinha visto as uvas de todo o mundo, só faltavam as búlgaras, por isso havia se inscrito na expedição.
4. Expedito, de quem não se sabia muita coisa, só se sabia que tinha nome de santo. Santo Expedito deve ter nascido na Bulgária, daí o interesse de seu homônimo pelo país, Sofia pensou. Mera suposição.
5. Um algebrista que tinha interesse de visitar a Bulgária para instalar por lá uma fábrica de acentos circunflexos, na hipótese de a língua búlgara não possuir esse acento, ou então e principalmente na hipótese de possuí-lo. O algebrista tinha interesses claramente financeiros e capitalistas no país.

A DÚVIDA

Depois de ver todo o planejamento de Sofia, Charles não sabia mais se queria mesmo ir. Sonhou a vida inteira, desde a mais tenra infância, com a Bulgária e com os búlgaros. Tinham pele cor de café, olhos de japônês, altura de anão, cabelo sarará. Sorriam um sorriso meio bizarro, tinham nariz adunco. E se não tivessem?! Pensar nos búlgaros ou desejar os búlgaros era o que fazia dele um ser especial. Agora que conheceria ao menos outros seis doidos de pedra como ele, com o mesmo desejo de Bulgária, seria só mais um no grupo – e nunca gostou de ser só mais um. O púcaro búlgaro o havia desconcertado: tinha despertado nele a chama da curiosidade, mas ao mesmo tempo assassinara friamente e sem remorso sua imaginação. Então era assim que os búlgaros bebiam água? Bebiam água? Se bebiam é porque deviam se parecer conosco.

UMA CONCLUSÃO

Depois de longa e dolorosa reflexão proferiu: "Gosto da Bulgária porque não a conheço", argumentou em tom solene, uma digna frase de efeito. "Depois de ver o púcaro búlgaro, alguma coisa nasceu em mim e alguma coisa morreu." "(Re)nasceu, na verdade, a curiosidade que possuía e já era minha. Desde bebê carrego esse sonho comigo. Meu pai, douto cientista, conseguiu explicar fenômenos difíceis da ciência, mas nunca compreendeu como a primeira palavra do único filho ao invés de 'papai' ou 'mamãe' ou simplesmente 'bebê' poderia ter sido 'Bulgária'. Mas foi. Posso garantir que foi. Papai era um homem de reputação ilibada e morreu jurando de pés juntos que a primeira palavra proferida por seu filho, uma criança de um ano, foi um sonoro e indiscutível 'Bulgária'. A babá na ocasião pensou que a criança estava possuída pelo diabo. Quis abandonar o emprego. Como a senhora pode observar, cara Sofia, é de berço que carrego meu desejo pela Bulgária. Sofro de bulgarite aguda desde o útero materno". Prosseguiu: "quando vi o púcaro na sua pucaridade sólida morreu em mim toda a fantasia, então era dessa forma que os búlgaros bebiam, era assim que os púcaros eram ornados na Bulgária. Tudo aquilo que era Bulgária e que através do púcaro pude entrever de certa maneira, perdeu a graça dentro de mim". Caminhando em direção aos finalmente, respirou fundo e proferiu: "chego a conclusão, portanto, que a melhor Bulgária foi a que erigi na minha cabeça: tenho certeza que nenhuma outra chegará aos pés dessa. Meu mapa, muito mais completo, cabe na ponta de um alfinete e interpreta a Bulgária como uma superfície redonda, como um planeta, uma espécie de planeta Terra, tridimensional, uma Bulgária toda ela, plena, cheia, roliça, com rios, mares, falésias, cânions, montanhas, desertos. Fiz um cursinho com um físico quântico especialista em bulgarosofia (dizem que os melhores físicos quânticos do mundo são oriundos da Bulgária), por isso me sinto seguro para arranhar algumas palavras na língua búlgara – dialogando com o búlgaro que habita a minha cabeça, claro, com o búlgaro da Bulgária sei que não teria a menor chance. Isso sem falar na culinária búlgara, que fascina da primeira à última das minhas papilas gustativas. Os chefs búlgaros são exímios na arte dos

doces e também dos salgados, fazem uma feijoada búlgara imbatível e as pizzas, então?! A pizza, aliás, antes de ser injustamente reconhecida como criação italiana, foi inventada na Bulgária. Agora imagine a minha situação, cara Sofia, se, ao colocar os pés na Bulgária, ordenar o meu pedido no primeiro restaurante e me decepcionar. Passo o dia cantarolando canções em búlgaro, e se, ao alcançar esse tão esperado pedaço de terra, o chofer ligar o rádio do carro em uma estação que emana uma música que não conheço, que sequer sou capaz de reproduzir. Conseguir vislumbrar a minha situação?! Perdido em um país estranho com uma língua incompreensível e jogando, ralo abaixo, toda aquela Bulgária que havia construído com largas horas de voo da imaginação". Prosseguiu: "Perdoe, Sofia, não poderei embarcar."

A VISÃO DO PÚCARO

Depois de ouvir toda a argumentação de Charles (Charles mesmo? Que escolha o leitor o nome próprio que mais lhe apetece, essas notas mentais forçam a memória e me deixam cansado) confesso que não sabia se queria ser o púcaro da Bulgária, da minha Bulgária, ou da Bulgária dele. Tantos anos afastado da minha terra natal e ele me oferecia assim, de bandeja, uma Bulgária que era toda colorida e disforme, toda sonho e plenitude, uma narrativa perfeita com chefs de cozinha dos mais variados, canções em búlgaro, professores de bulgarosofia. Em suma: uma Bulgária sem limites, esticada pela corda do pensamento para um sem fim. Após extensa avaliação julguei que era melhor ser púcaro dessa segunda Bulgária.

"Diretor, posso pedir uma alteração em minha placa? Se não for pedir muito, também gostaria de sugerir uma substituição no setor de pesquisa: seria possível requisitar o afastamento de Sofia para colocar em seu lugar Charles, o visitante inusitado que desconfiava da minha existência? Sofia inspira credibilidade, mas Charles inspira imaginação. O que vale mais nos dias de hoje? Entre um e outro, prefiro o segundo tipo. Creio que os visitantes do Museu Histórico e Geográfico da Filadélfia também. Não, não apague as luzes, estamos conversando, ouça, me deixe convencê-lo..." Frequências diferentes, droga, esqueci por alguns minutos, o tempo que durou essa história, que daqui, do meu cativeiro, ninguém me escuta. Acho que vou continuar contando histórias, só assim escapo desse *spot* quente como o diabo, desse *blindex* frio e espesso, desses olhares que não duram mais de dois segundos e meio.